



Uma análise da dêixis social na construção da identidade de sujeitos cristãos em cartas de evangélicos pentecostais

An analysis of social deixis in the construction of the identity of christian subjects in letters of pentecostal evangelics

João Batista Costa Gonçalves²⁵⁶

Docente no PPG de Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará

Ismael Fabrício de Alencar Oliveira²⁵⁷

Professor no Instituto Dom José

Laryssa Érika Queiroz Gonçalves²⁵⁸

Professora na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza

Francisco Geilson Rocha da Silva²⁵⁹

Doutorando no PPG de Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará

Resumo: O artigo trata da dêixis social em textos epistolares escritos por evangélicos no século passado, examinando a maneira pela qual certos aspectos sociais são codificados na língua, através de expressões e nominalizações dêiticas e da dêixis pronominal, como forma de construir a identidade de um certo grupo de cristãos. Para isso, parte-se da análise de três cartas remetidas por evangélicos de localidades diferentes do País, em três décadas diferentes do século XX, a saber, em 1952, 1971 e 1986, a um pastor da Igreja pentecostal Assembleia de Deus, localizada no interior do Ceará. A análise baseia-se teoricamente, sobretudo, em Levinson e Lyons, que têm se dedicado a estudar acerca de fenômenos da Pragmática, como a dêixis e o uso dos pronomes pessoais, como forma de expressar poder e/ou

²⁵⁶ Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará, mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará e pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. É docente adjunto IX da Universidade Estadual do Ceará, coordenador do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Ceará e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE).

²⁵⁷ Mestre em Linguística Aplicada (UECE - Universidade Estadual do Ceará). Possui formação em História e Letras pela UECE e Psicologia pela Faculdade Pitágoras de Fortaleza. Atua como professor de Língua Portuguesa e História.

²⁵⁸ Doutora e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Graduação em Letras/Português pela mesma instituição. Professora na SME de Fortaleza.

²⁵⁹ Doutorando em Linguística Aplicada na Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestre em Linguística Aplicada pela mesma instituição, formado em Letras / Português / Literatura / Licenciatura na UECE. Também finalizou o curso de Inglês na instituição Instituto Municipal de Pesquisas e Recursos Humanos - IMPARH. Possui bacharelado em Teologia pela Faculdade de Teologia do Ceará - FATECE. É professor e coordenador do Seminário Teológico Pleno (STP) e professor de Língua Portuguesa e Literatura.

solidariedade nas trocas sociais. Assim, o propósito do presente artigo é o de verificar, a partir dos textos selecionados para constituir o *corpus*, como a dêixis social se manifesta por meio de elementos gramaticais, em particular de expressões nominalizadoras e de pronomes pessoais, mostrando-se com isso como os evangélicos de linha pentecostal acabam por marcar linguística e discursivamente, em sua forma de interação, sua orientação e crença religiosa. Sob o viés da pragmática, conclui-se, assim, da análise das cartas que o grupo social evangélico pentecostal em destaque constrói sua identidade não somente por meio de práticas comportamentais, como frequentar os cultos ou usar determinado vestuário peculiar, mas também por certas marcas linguísticas presentes no seu discurso, como o uso de expressões nominais e de pronomes pessoais, que o estudo acerca da dêixis social aqui nos revelou como um traço da identidade evangélica pentecostal.

Palavras-chave: Pragmática. Dêixis social. Identidade Social. Cartas de Evangélicos Pentecostais

Abstract: The article deals with social deixis in epistolary texts written by evangelicals in the last century, examining the way in which certain social aspects are encoded in the language, through deictic expressions and nominalizations and the pronominal deixis, as a way to build the identity of a certain group of Christians. For that to happen, we started from the analysis of three letters sent by evangelicals from different locations in the country, in three different decades of the 20th century, 1940, 1958 and 1978, directed to the minister of a Pentecostal Church Assembly of God, located in the countryside of Ceará. The analysis is theoretically based, above all, on Levinson (2007) and Lyons (1987), who have dedicated themselves to studying the Pragmatic phenomena, such as the deixis and the use of personal pronouns, as a way to express power and / or solidarity in social exchanges. For that, the purpose of this article is to verify, from the texts selected to constitute the *corpus*, how social deixis manifests itself through grammatical elements, in particular nominalizing expressions and personal pronouns, thus showing itself as evangelicals, especially those of Pentecostal line, end up marking linguistically and discursively, in their form of interaction, their orientation and religious descent. Based on the perspective of pragmatics, we concluded, therefore, from the analysis of the letters the highlighted evangelical Pentecostal social group builds its identity not only through behavioral practices, such as attending services or wearing peculiar clothing, but also by certain linguistic marks present in their speech, such as the use of nominal expressions and personal pronouns, which this study of social deixis revealed to us as a feature of the Pentecostal evangelical identity.

Keywords: Pragmatics. Social deixis. Social Identity. Letters of Pentecostal Evangelicals

Eu posso demonstrar “ad oculos” e usar anaforicamente os mesmos demonstrativos alheios à situação. Há, todavia, um terceiro modo, que caracterizamos como dêixis. Fenomenologicamente é válido o princípio de que o dedo indica. Porém o instrumento natural de demonstração “ad oculos” é substituído por outros recursos indicativos. Esta evidência é o ponto de nossa teoria do demonstrativo da linguagem (BÜHLER, 1961, p. 109).

Introdução

No âmbito dos estudos linguísticos, a dêixis tem se mostrado fonte de inúmeras discussões. Estas discussões têm em comum o tratamento do fenômeno como algo pragmaticamente orientado, que aponta para as relações entre a enunciação²⁶⁰ e o contexto de modo que as dimensões de pessoa, tempo e lugar que envolvem a enunciação aparecem codificadas na língua por meio de marcas gramaticais.

Levinson, ao tratar da questão, esclarece a etimologia da palavra *dêixis*, salientando que o termo é tomado de empréstimo “[...] da palavra grega que significa apontar ou indicar [...]”²⁶¹. “Dêixis”, portanto, vem do grego antigo δείξις (“ato de mostrar, indicar”, “referência”), do verbo δείκνυμι (“mostrar”). Desta forma, se aponta ou indica, a codificação na língua se dá, por excelência, a partir dos demonstrativos (*este, esse, aquele*), dos pronomes de primeira e de segunda pessoas (*eu/nós, tu/vós, você(s)*), do tempo verbal e dos advérbios temporais (*ontem, hoje, amanhã, agora* etc.) e espaciais (*aqui, aí, ali* etc.), além dos traços gramaticais ligados diretamente às circunstâncias enunciativas.²⁶²

Sobre essa relação direta entre o ato enunciativo e o contexto, é possível afirmar que a completa interpretação dos dêiticos só é possível se se considerar esses dois eixos em constante interrelação. Pode-se apontar, assim, como categorias dêiticas tradicionais a marcação linguística de pessoa, de lugar e de tempo. Dessa forma, a *dêixis de pessoa* remete aos parceiros da enunciação, já a *dêixis de lugar* remete à codificação espacial que envolve a enunciação e a *dêixis de tempo* remete, por sua vez, as demarcações temporais que envolvem a enunciação.

²⁶⁰ O termo enunciação, nos estudos da linguagem, recobre uma série de concepções a depender da perspectiva teórica adotada. Para ver esta variedade de concepções do termo, basta examinar FLORES, V. N. et al. (orgs.). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009. No caso do estudo que aqui empreendemos, não consideramos o termo “enunciação” apenas como o ato de enunciar, mas nos estribamos na concepção bakhtiniana que admite como enunciação o diálogo entre o tempo e o espaço, isto é, a relação interdependente entre história, ideologia, valores sociais, sujeitos envolvidos no ato enunciativo. É por conceber o objeto situado em seu tempo e espaço históricos que entendemos que cada evento é único e irrepetível, pois, em uma situação hipotética em que o mesmo sujeito reproduza o mesmo discurso no mesmo lugar, esse é inteiramente novo, dada sua enunciação situada em novo ponto sócio-histórico-ideológico, o que o torna novo elo na cadeia discursiva ininterrupta.

²⁶¹ LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 65.

²⁶² LEVINSON, 2007.

A essas categorias tradicionais, duas outras foram acrescentadas por Fillmore: a *dêixis de discurso* e a *dêixis social*.²⁶³ A primeira está relacionada à referência feita a porções do discurso em construção; e a segunda diz respeito à referência aos papéis sociais dos envolvidos na enunciação. Para este artigo, interessa especificamente a *dêixis social*, objeto que será pormenorizado na seção seguinte, em que pretendemos analisar como esse fenômeno se revela no discurso de três cartas entre evangélicos pentecostais, entre as décadas de 1940 e 1970, revelando traços identitários de sua crença religiosa.

Para levar a cabo esse estudo, inicialmente discutiremos acerca do conceito de *dêixis social*, utilizando, como base teórica, os estudos de Fillmore e de Levinson. A seguir, abordaremos brevemente sobre o que se considera a identidade social evangélica nesse artigo, fundamentados no sujeito dialógico de Bakhtin e na relação identitária de repetição e transformação discutida por Veras.²⁶⁴ A partir da conjugação desses dois eixos teóricos centrais, partiremos, na seção seguinte, para a análise propriamente dita, momento em que examinaremos as três cartas entre evangélicos pentecostais que constituem o nosso corpus e, só então, concluiremos, por fim, o artigo com as considerações finais da pesquisa.

1 A *dêixis social*

Quando se trata de estabelecer os papéis sociais na comunicação, a língua dispõe de recursos que dão indicativos de que tipo de relação se mantém entre os interlocutores ou entre eles e outro referente no discurso. Essas relações sociais codificadas na língua são abarcadas pelo que se conhece como *dêixis social*. Levinson mostra que a *dêixis social*, com base em Fillmore, está relacionada à codificação feita na língua da realidade da situação social em que o ato de fala ocorre, de modo que aparecem codificadas as identidades sociais dos falantes, na relação entre si ou com outras entidades a que se faça referência durante a enunciação. Como exemplos elementos gramaticais dessas relações, têm-se os pronomes e formas de tratamento baseadas na (im)polidez.²⁶⁵

Levinson aponta, ainda, dois tipos básicos de informações socialmente *dêiticas* codificados na língua: a relacional e a absoluta.²⁶⁶ Segundo o autor,

A variedade relacional é a mais importante e as relações que geralmente são expressas são aquelas entre:

- (i) falante e referência (por exemplo, honoríficos que se aplicam ao referente)
- (ii) falante e destinatário (por exemplo, honoríficos que se aplicam ao destinatário)
- (iii) falante e espectador (por exemplo, honoríficos que se aplicam ao espectador)

²⁶³ FILLMORE, 1975 *apud* LEVINSON, 2007.

²⁶⁴ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 5 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010; VERAS, Viviane. Identidade, repetição e temporalidade. In: *Políticas em Linguagem: Perspectivas Identitárias*. Kanavillil Rajagopalan, Dina Maria Martins Ferreira (orgs.). São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

²⁶⁵ FILLMORE, C. J. *Lectures on Deixis*. Stanford, EUA: CSLI Publications, 1997. p. 76.

²⁶⁶ LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics and Social Deixis: Reclaiming the Notion of Conventional Implicature*. *Proceedings of the Fifth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 206-223, 1979.

ou ao público)

(iv) falante e ambiente (por exemplo, níveis de formalidade).²⁶⁷

Nos casos (i) e (iii), salienta o autor, podem-se falar em honoríficos apenas quando essa relação apontar para o nível hierárquico ou para o respeito relativos. Os tipos de relações sociais codificadas na língua dependem, dessa forma, das relações disponíveis no sistema social de uma determinada comunidade, podendo, portanto, variar conforme a comunidade.

No caso da relação absoluta, os dêiticos apontam para a codificação de um aspecto advindo de autorização social, considerando o que Levinson denomina de falantes autorizados, aqueles a quem cabe o uso de formas específicas de honoríficos, e, ainda, os receptores autorizados, aqueles a quem cabem restrições quanto aos pronomes de tratamento direcionados a eles.²⁶⁸

Assim, em tailandês, mulheres não podem usar o morfema *khraáb*, que é de uso exclusivo dos homens. No tupi falado pelos índios da costa brasileira à época do Descobrimento, havia, por exemplo, uma interjeição de vocativo usada por homens (*gûé!* ou *gûy!*) e outra por mulheres (*îu!* ou *îó!*).²⁶⁹

Vazquez, por outro lado, afirma que as relações sociais entre interlocutores podem se manifestar de duas formas: pronominalmente ou nominalmente.²⁷⁰

No primeiro caso, as gramáticas das línguas oferecem pronomes específicos que codificam as diferenças das relações sociais. É o caso da maioria das línguas indo-europeias, que fazem uma distinção entre as formas T (usadas para indicar uma relação simétrica entre os interlocutores, geralmente familiar) e as formas V (usadas para indicar uma relação assimétrica entre os interlocutores ou para denotar distanciamento e respeito, portanto denotam polidez). Nas línguas do Extremo Oriente e do Sudeste Asiático, como o coreano, o japonês, o balinês etc., há pronomes pessoais específicos para o sexo, o grau de parentesco ou idade dos interlocutores. Para Lyons, o uso das formas T e V, na maioria das línguas em que há essa distinção, está relacionado aos conceitos de poder e de solidariedade, sendo o uso não-recíproco dessas formas um indicador de uma diferença de *status* reconhecida: alguém que ocupa posição social superior usará T para os seus inferiores, mas será tratado por estes como V.²⁷¹

No segundo caso, não há codificações específicas por meio de pronomes disponíveis para os falantes, impondo-lhes o uso de nominalizações, como ocorre em inglês, que, com a perda da forma *thou* (2ª p. sing.), estendeu a forma *you* (2ª p. pl.) tanto para as relações simétricas quanto assimétricas, mas recorre a expressões como *Your Highness* (Vossa Alteza), *Sir* (Senhor) para manifestar a natureza das relações sociais no discurso.

²⁶⁷ LEVINSON, 2007, p.111.

²⁶⁸ LEVINSON, 1979, 2007.

²⁶⁹ Cf. NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo*. São Paulo: Global, 2005.

²⁷⁰ VAZQUEZ, Ariel. The use of Tú and Usted in Mexican Compadrazgo Relationships. *Estro: Essex Student Research Online*, v. 1, n. 1, p. 58-68, [s.d.].

²⁷¹ LYONS, John. *Lingua(gem) e Linguística*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

Na opinião de Cavalcante, os pronomes pessoais são os dêíticos por excelência, pois apontam diretamente aos sujeitos da enunciação, servindo, muitas vezes, para marcar também as relações entre esses sujeitos.²⁷² Porém, a existência de um sistema pronominal, de acordo com Vazquez, para codificar as relações, não anula a possibilidade de uso de nominalizações para codificá-las. Cada sistema linguístico, portanto, pode ou não comportar as duas possibilidades, sendo da competência dos falantes escolher o que lhe parecer pertinente em cada interação, se o sistema comporta as duas.

Manning, por outro lado, parece entender a dêixis social por uma perspectiva qualitativamente diferente, afirmando existirem casos de dêixis em que a interpretação não está relacionada ao contexto situacional, mas ao contexto sociocultural, sendo para esses casos que reserva a expressão dêixis social.²⁷³ A este respeito, afirma o teórico:

I argue that there exists a set of indexical relations relevant to some forms of deixis that cannot be so characterized, for example, perduring indexical relations of kinship, coresidence, religious affiliation, work or property ownership, to name a few. Such relations can only be grasped as perduring if they transcend any single situation. [...] I call this form of deixis, whose relationality is less contingent than that of situational deixis, “social deixis”.²⁷⁴

O autor, além disso, defende que os dêíticos sociais se assemelham aos *índices* de Pierce, pois são signos que apontam para uma referência associativa, e não convencional (como os *símbolos*) ou imitativa (como os *ícones*), propondo, inclusive, que a designação “dêíticos sociais” deveria ser “índices sociais”.

Observando a diferença estabelecida por Levinson entre o aspecto relacional e o aspecto absoluto da dêixis social, a definição de Manning parece se restringir ao que Levinson denomina absoluto, desconsiderando os casos em que a significação social da dêixis emerge do próprio discurso. No entanto, ao relacionar discurso e contexto, pode-se observar que mesmo os pronomes que não estão tradicionalmente ligados aos honoríficos que representam a dêixis social podem ser ressignificados.

Lima, ao tratar da relação entre dêixis, identidade social e discurso, aponta para o fato de que “[...] este tipo de dêixis [social] exerce um papel importante na cadeia enunciativa, pois encapsula identidades sociais construídas discursivamente

²⁷² CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 96.

²⁷³ MANNING, H. Paul. On social deixis. In: *Anthropological Linguistics*. v. 43, n. 1 Indiana: Trustees of Indiana University, p. 54-100, 2001.

²⁷⁴ Defendo que existe um conjunto de relações indexicais relevantes para algumas formas de dêixis que não pode ser assim caracterizado, por exemplo, relações indexicais perenes de parentesco, convivência, filiação religiosa, trabalho ou propriedade, para citar alguns. Tais relações só podem ser compreendidas como perenes se transcenderem qualquer situação isolada. [...] Eu chamo este tipo de dêixis, cuja relação é menos contingente do que a da dêixis situacional, de “dêixis sociais”. (Tradução nossa) MANNING, 2001, p. 57.

acerca dos sujeitos envolvidos na enunciação”²⁷⁵. Assim, a dêixis social significa não apenas em função da situação extralinguística, mas aponta linguisticamente para o modo como interlocutores constroem as referências no discurso, fazendo emergir representações sociais de si e dos outros referenciados.

Ao se referir o estudo de Fina, Lima observa que a completa interpretação de um dêitico depende de outros elementos presentes no discurso, de modo que a diversidade de formas pronominais usadas no discurso, a frequência dessas formas, a consistência de referência e o ambiente textual são “alças” que permitem alcançar os 'significados implícitos' presentes nos pronomes usados.²⁷⁶

Cavalcante, complementando esta discussão, destaca que a dêixis social codifica relacionamentos sociais mantidos pelos participantes da conversação e que não é a interação linguística em si mesma, mas, sim, as relações sociais que determinam a seleção de títulos honoríficos e de outras expressões de intimidade ou de polidez ao condicionar a escolha dos níveis de maior ou menor formalidade no ato comunicativo.²⁷⁷

Feita a discussão sobre a dêixis social, rumamos agora para o debate de como estamos compreendendo a concepção de identidade, em especial a de identidade evangélica pentecostal.

2 A identidade evangélica pentecostal

O termo identidade tem origem latina (*identitas, -atis*) e pode significar tanto a qualidade de idêntico, ou seja, aquilo que encontra relação de similitude absoluta com seus pares, quanto a associação entre o sujeito ser o que afirma ser ou o que o outro afirma que ele seja. Deste modo, a identidade evangélica pode ser definida a partir de dois eixos centrais: a relação do evangélico consigo mesmo, isto é, com o que ele acredita ser a prática sócio discursiva de quem tem seu direcionamento religioso, e a interrelação com o outro, sejam evangélicos ou não.

Segundo Bakhtin, o sujeito é dialógico e, por isso, constitui e é constituído a partir de outros discursos, logo, de outros sujeitos.²⁷⁸ O sujeito bakhtiniano passa ao largo de ser apenas o sujeito biológico; ele é ser social, agente responsivo-ativo no mundo em que vive, que também, como ele, é construído pela linguagem. Por causa disso, ainda que a identidade seja estabelecida também pela relação do *eu-para-mim*, ela se constrói a partir da presença potencial do outro (*eu-para-outrem*). Com efeito, o outro é ubíquo em nós, pois só por ele existimos. Assim, ainda que o outro possa ser virtual, é presença significativa em nosso discurso e em nosso enunciado.

O sujeito evangélico pentecostal, portanto, vai aos cultos, veste-se de determinado modo e lê a Bíblia para diferenciar-se daqueles outros que não se afirmam seguidores de sua religião e para identificar-se com seus pares como parte daquele

²⁷⁵ LIMA, Gustavo Henrique. *A Dêixis Social e a Emergência de Identidades no Discurso Docente*. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 3.

²⁷⁶ FINA, Ana de. *Pronominal choice, identity and solidarity in political discourse*. In: *Text*, 1995, p. 379-410; LIMA, 2011.

²⁷⁷ CAVALCANTE, 2011.

²⁷⁸ BAKHTIN, 2010.

círculo social ou daquele rebanho, para usar um termo bíblico que se refere aos seguidores de Cristo como o bom pastor.

Veras, ao discutir o tema, aponta para a condição de repetição e de transformação intrínseca à identidade. Isto porque, de acordo com a autora, a identificação depende de reiterar aquilo que já foi, fazer de novo para que haja conexão entre o anterior, o presente e o posterior.²⁷⁹ Por isso, os evangélicos pentecostais de 2020, como forma de um cumprimento ritual, saúdam-se desejando a “Paz do Senhor” um ao outro, assim como o faziam os de 1940, por exemplo. É, portanto, por meio da reprodução de práticas sócio discursivas que o círculo social evangélico se estabelece e se diferencia dos demais.

Em contrapartida, não podemos afirmar que não existem diferenças entre a identidade do evangélico pentecostal do século anterior e a do atual, pois, como já discutimos, o sujeito, dialogicamente pensado, está em ininterrupta mudança, já que se constitui a partir de outros discursos, e estes se fazem novos a cada enunciação.

Assim, a repetição é o fundamento da transformação, pois, como afirma Veras, “o que varia, varia no que se repete”²⁸⁰, então, a identidade é construída pela continuidade da transformação, por ser um eterno diferenciar-se de si mesmo, enquanto mantém vínculo indissociável de seu anterior. Deste modo, assumindo a inconclusibilidade inerente a este conceito, a identidade evangélica pentecostal brasileira constitui-se, a todo novo dia, desde sua entrada no Brasil, por aqueles que se dizem evangélicos e pelo que se diz ser um evangélico.

Depois de discutida a noção de dêixis social na seção anterior e do conceito de identidade relacionada aos evangélicos pentecostais, a seguir, partimos, como base nessa discussão teórico-conceitual, para a análise das cartas de que é constituído o nosso *corpus* discursivo.

2.1 A dêixis social em cartas de evangélicos pentecostais como elemento de construção identitária

A fim de demonstrar como a identidade evangélica pentecostal se constrói através da dêixis social, apresentaremos neste trabalho a análise de três cartas endereçadas a José Alencar de Macedo, pastor evangélico que, nas primeiras décadas do século XX, teve contato com os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, e foi um dos difusores da nova igreja pelo interior do Ceará.

As cartas foram escritas por três remetentes evangélicos membros da igreja supracitada que mantinham com o pastor diferentes relações sociais: a primeira carta (carta 1 – ANEXO 1), de 4 de janeiro de 1952, foi escrita por uma fiel, amiga do pastor, com idade próxima à dele; a segunda (carta 2 – ANEXO II), de 25 de março de 1971, tem como remetente um pastor mais jovem que fora convertido à fé evangélica pelo destinatário; e a terceira (carta 3 – ANEXO III), de 21 de outubro de 1986, foi escrita por uma irmã de sangue, também evangélica. As cartas foram extraídas do *corpus* de

²⁷⁹ VERAS, 2006.

²⁸⁰ VERAS, 2006, p. 333.

Araújo²⁸¹, que descreveu e analisou as formas de tratamento ao interlocutor, no caso, o pastor José Alencar de Macedo, em 139 cartas, todas escritas por evangélicos pentecostais.

Esse material discursivo servirá para mostrarmos como os elementos sociais caracterizadores dos sujeitos da enunciação (a saber: gênero, idade, relações de parentesco, relações sociais e pertencimento à mesma comunidade de prática) podem ser codificados na língua de forma a marcar a identidade dos interlocutores do ato enunciativo, assunto de interesse tanto da Pragmática conforme aponta Levinson ao dizer que esta “é o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva *funcional*”²⁸² (grifo no original) considerando-se o contexto, quanto de interesse da Sociolinguística, conforme destaca Mollica, ao salientar que é preocupação dos estudos sociolinguísticos analisar “a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”²⁸³.

Fillmore afirma que a dêixis social diz respeito à codificação do *status* social dos interlocutores ou de uma terceira pessoa ou entidade a que se refere, bem como à relação social entre eles.²⁸⁴ Dessa forma, é possível distinguir marcas linguísticas que evidenciam tanto o *status* social dos enunciadores quanto a relação que existe entre eles.

Sobre o gênero *carta pessoal*, usado para a análise neste artigo, ressaltamos que é um tipo de correspondência entre duas pessoas (às vezes, entre uma pessoa e um grupo, como no caso das cartas circulares), sendo inegável, portanto, sua importância como instrumento para o estudo da linguagem, a qual reflete as relações sociais entre os interlocutores (remetente e destinatário), reveladas, entre outros aspectos, na escolha das formas linguísticas para se referir ao destinatário ou às entidades sociais, como a igreja.

Sendo uma comunicação íntima, a carta pessoal aproxima bastante a fala da escrita, pois o remetente quer ser reconhecido em seu texto e, através dele, romper a distância, aplacar a saudade e marcar sua presença. Para Araújo, essa aproximação se deve ao fato de que a carta “simula uma conversa em que apenas uma pessoa fala enquanto a outra escuta”²⁸⁵.

Assim, muitos fenômenos pragmáticos observáveis na fala podem ocorrer na escrita de cartas pessoais, convertendo esse gênero em uma rica fonte de estudos da linguagem em situações reais de uso, principalmente quando se pretende analisar sincronias passadas, em períodos nos quais não se dispunha de instrumentos de gravação da fala. Nas transcrições dos trechos das cartas feitas neste artigo, não fizemos nenhuma alteração com fins de correção gramatical ou ortográfica, apenas grifos em itálico. Portanto, todos os grifos constantes nos trechos transcritos são

²⁸¹ ARAÚJO, F. J. N. *Formas de tratamento no português brasileiro do século XX: conservação e variação em cartas do Norte e Nordeste*. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

²⁸² LEVINSON, 2007, p. 8.

²⁸³ MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9.

²⁸⁴ FILLMORE, 1997.

²⁸⁵ ARAÚJO, 2019, p. 72.

nossos, com o propósito de destacar a expressão ou palavra exemplificativa daquilo que comentamos.

Quanto à escolha por remetentes evangélicos, é relevante salientar que são cristãos que estão no Brasil há mais de 200 anos, desde a abertura dos portos, na Era Colonial – no caso dos evangélicos da Assembleia de Deus, desde 1911, quando os citados missionários imigrantes suecos fundaram a igreja em Belém (PA). Atualmente, é o segmento religioso que mais cresce no Brasil, segundo pesquisa do Datafolha, de janeiro 2020, que aponta que 31% da população se autodeclara evangélica. Grande parte desse crescimento diz respeito às denominações pentecostais (das quais a Assembleia de Deus é uma) e, ainda mais especificamente, às neopentecostais, que têm se mostrado uma esfera social cada vez mais influente no Brasil, com grande contribuição, por exemplo, na eleição do atual presidente Jair Bolsonaro, que se afirma evangélico.

O presente artigo parte do pressuposto de que, por constituírem um grupo minoritário no País, os evangélicos pentecostais procuram se diferenciar da maioria através de práticas e comportamentos próprios, o que inclui certas marcas linguísticas, as quais objetivamos flagrar nas cartas analisadas.

Tais marcas linguísticas, por sugerirem ao leitor, evangélico ou não, que o remetente da carta pertence a uma igreja pentecostal – no caso, à Assembleia de Deus –, configuram-se como dêixis sociais, conforme a definição de Levinson.

Identificamos a dêixis social nas cartas marcadas linguisticamente de duas formas: a) Palavras e expressões; b) Formas de tratamento, incluindo pronomes de segunda pessoa. Por conta disso, criamos, para efeito de organização, uma subseção para cada uma dessas duas categorias, analisando como elas cooperam para construir a identidade dos evangélicos pentecostais nas cartas examinadas comparativamente em seu conjunto.

2.2 Palavras e expressões

O discurso, para Fairclough, consiste no emprego da linguagem como forma de prática social, em vez de uma atividade exclusivamente individual ou como reflexo de variáveis situacionais.²⁸⁶ Sendo assim, o remetente de uma carta, assim como o falante em qualquer situação de uso da linguagem, ao elaborar seu discurso, leva em consideração a relação social que ele e o destinatário mantêm entre si, bem como com as entidades sociais a que se referem.

Analisando, em conjunto, as três cartas da amostra, detectamos, na saudação inicial de duas delas (carta 1 e carta 2), a expressão “A paz do Senhor”. Segundo Araújo, a referida expressão aparece na seção de saudação inicial de 80 das 139 cartas que compõem o *corpus* de sua pesquisa, o que corresponde a 57,5%. Nas demais cartas, aparece com muita frequência a expressão “Saudações no Senhor”; já nas cartas de membros da família, ocorrem mais frequentemente outras formas de saudação.²⁸⁷

A expressão “A paz do Senhor” é um forte dêitico social dos membros da Assembleia de Deus. De acordo com Almeida, foi a própria Assembleia de Deus que a

²⁸⁶ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

²⁸⁷ ARAÚJO, 2019.

criou em 1911, ano que surgiu no Brasil.²⁸⁸ Posteriormente, outras designações evangélicas pentecostais adotaram a saudação. Portanto, ao saudar o interlocutor com tal expressão, o indivíduo firma-se como evangélico perante os demais de sua comunidade. Vale ressaltar que a referida saudação não costuma ser dirigida a alguém que não seja correligionário, sendo, neste caso, substituída pelas formas comuns de cumprimento (“Como vai?”, “Tudo bem?” etc.).

Por ser uma expressão adotada pelos membros da Assembleia de Deus, a saudação “A paz do Senhor” configura-se como um exemplo do que Levinson chama de *dêitico social absoluto*²⁸⁹, que é uma forma reservada para certos falantes, aos quais Fillmore se refere como “falantes autorizados”²⁹⁰. Burdick mostra que, entre os evangélicos, a autorização para o uso do cumprimento em questão vem com o batismo: “Lá, vestido de branco, o pastor imerge o convertido nas águas, de onde ele emerge ensopado e pronto para viver uma vida plena em Jesus. Somente agora o convertido *terá permissão* para se dirigir a outros crentes com a saudação ‘Paz do Senhor’”²⁹¹.

A saudação com “A paz do Senhor” encontra suas origens no texto bíblico, por exemplo, em Lc 24: 36, quando Jesus cumprimenta seus discípulos com “Paz seja convosco”.

Apesar de ser um forte indicativo de pertencimento à igreja Assembleia de Deus, “A paz do Senhor” não é uma saudação obrigatória. Na segunda carta de nossa amostra (ANEXO II), a expressão de cumprimento usada pelo pastor remetente é “Saudações no Senhor”.

A leitura das cartas nos revela também expressões que apontam para a identidade evangélica. Na carta 1, por exemplo, a remetente escreve: “estou ligada a todos daí pelos laços do amor fraternal *alcançado em Cristo Jesús*; quero ficar me correspondendo até *o dia em que Jesús vier me buscar*.” (carta 1).

Ao usar a expressão “alcançado em Cristo Jesús”, a remetente refere-se à conversão religiosa por que passou, à qual os evangélicos comumente se referem como “entregar-se a Jesus”.

Burdick, a este respeito, afirma que, “[e]mbora a aceitação de Jesus possa ocorrer em qualquer lugar e a qualquer hora, para se tornar um membro da igreja, a pessoa deve fazer uma profissão pública, dentro do templo”²⁹². É a esse ato que a remetente da carta 1 alude quando diz que adquiriu laços de amor fraternal com a família do pastor. Ou seja, ela passou a pertencer à mesma comunidade dele. A esse mesmo momento fundamental para a conversão e, conseqüentemente, para a identificação do indivíduo como evangélico, o remetente da carta 2 se refere com as seguintes palavras: “completarei [...] 40 anos de *aceitação ao Evangelho*”. (carta 2).

Na carta 2, a conversão é referida através de expressões que apontam para a relação entre o pastor que a realiza e o indivíduo convertido. Este toma aquele como seu “pai” na fé:

²⁸⁸ ALMEIDA, Abraão de. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

²⁸⁹ LEVINSON, 1979.

²⁹⁰ FILLMORE, 1997.

²⁹¹ BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil: a igreja católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1998. p. 52-3.

²⁹² BURDICK, 1998, p. 51.

- “E, como tenho na qualidade de ‘*meu pai na fé*’” (carta 2, aspas duplas no original)
- “O irmão em Cristo, amigo no Ministério, e *filho ná fé*.” (despedida na carta 2)

Quanto à outra expressão grifada no trecho da carta 1 (“o dia em que *Jesús* vier me buscar”), ela encontra eco no seguinte trecho da carta 3: “a Iracema *passou para o Senhor*, ontem foi o sepultamento”. (carta 3).

Tais expressões revelam uma das mais fortes crenças dos evangélicos, a de que estão salvos e, portanto, após a morte, haverá o imediato encontro com Jesus/Deus. Segundo Burdick, para um evangélico, “[s]er salvo requer duas coisas: fé em Jesus e obediência à sua palavra”²⁹³. Assim, é crença comum entre os membros desse segmento religioso na certeza da salvação, uma vez que passaram pela conversão e seguem os ensinamentos da igreja.

A carta 1 traz-nos outra expressão que aponta também para a identidade evangélica pentecostal, correlacionada com a crença comentada acima: “Jesus não tarda a vir buscar seu povo” (carta 1).

Embora não seja uma crença comum a todos os cristãos, é bastante forte entre os evangélicos a certeza de que Jesus voltará e retornará ao céu com seu povo, que são aqueles que nele creem e agem conforme seus ensinamentos. A remetente acrescenta: “Que promessa gloriosa esta, para os que estão esperando a sua santa vinda. Eu quanto mais tribulação vejo mais alegre fico, porque sei que a vinda do Senhor está próxima”. (carta 2).

Na carta 3, o seguinte trecho aponta para essa crença ao se referir ao falecimento de uma irmã de sangue:

- “ela foi em paz com o nosso salvador”, (carta 3)
- Nas três cartas, notamos o emprego do verbo *orar* e do substantivo *oração*:
- “devemos *orar* com perseverança” (carta 1)
- “Peço *oração* de todos irmãos por mim” (carta 1)
- “sempre *orando* para que o Senhor lhe dê vitória” (carta 1)
- “estou *orando* nesse sentido” (carta 2)
- “*orem* pela família da Iracema” (carta 3)

Em comparação com outros cristãos, os evangélicos podem ser identificados também pelo emprego exclusivo do verbo *orar* e do substantivo *oração* na referência ao ato de fazer uma prece. Os católicos, por exemplo, empregam mais frequentemente *rezar* e *reza*. Embora às vezes estes usem ambos os verbos como sinônimos, eles se referem a atitudes diferentes, explicadas pela etimologia: *orar* prende-se à raiz *or-* que constitui o substantivo latino *os* (“boca”) ao longo da declinação: *os, oris, ori* etc.

²⁹³ BURDICK, 1998, p. 51.

Portanto, *orar* é, etimologicamente, “usar a boca (os) para falar”, no sentido de falar livremente, não para repetir verbalmente algo memorizado. *Rezar*, por sua vez, deriva de *recitare*, de *re-* (“de novo”) + *citare* (“convocar”; “mencionar”), e significa etimologicamente “fazer leitura pública”, “citar de novo”.

A este respeito, Marton ressalta que

Para membros de igrejas evangélicas pentecostais, como a Assembleia de Deus, há uma diferença importante entre os termos “orar” e “rezar”. “Rezar” diz respeito às preces decoradas, à moda católica. [...] Já “orar” significa improvisar, falar diretamente a Deus o que se passa em nossa mente, pedindo perdão, agradecendo ou pedindo ajuda.²⁹⁴

Nesse sentido, *orar*, assim como *oração*, aproxima-se de um dêitico social, uma vez que aponta para uma determinada prática própria de um grupo social específico.

Ainda no campo do léxico, encontramos nas cartas outras palavras bastante recorrentes no discurso evangélico, empregadas de modo a diferenciar de outros cristãos e de não cristãos os membros deste grupo religioso. Uma delas é *culto*, que, segundo Faccioli, para os católicos, o culto é “é a manifestação da religiosidade do ser humano para a divindade”²⁹⁵ e pode ocorrer de diversas formas: procissões, romarias, reza do terço, novenas, tríduos etc., de modo que os católicos raramente usam a palavra *culto*, preferindo um dos termos específicos. Para os evangélicos, no entanto, o culto é a celebração comum que acontece geralmente no templo em horários fixos. Nas cartas, as ocorrências da palavra são as seguintes:

- “os *cultos* estão sendo frequentados” (carta 1)
- “estou idealizando oferecer ao Senhor um *culto* em ações de graças no próximo dia 1º” (carta 2)
- “no sentido de não me faltar no *culto* que iremos dedicar ao Senhor” (carta 2)

Outra palavra que evidencia os remetentes das cartas como evangélicos é *templo*: “o 7º aniversário de inauguração de um *Templo*” (carta 2, grifo nosso). Segundo Kilde, os evangélicos preferem chamar os locais de cultos de “templos”, reservando o termo “igreja” para o conjunto de pessoas que frequentam o templo para professar sua fé.²⁹⁶ Nas cartas, ocorrem esse emprego da palavra *igreja*:

- “e o Senhor tem falado bastante para a *Igreja*.” (carta 1).
- “minha gratidão será completa, se tiver a honra de abraçá-lo naquele dia, perante a *Igreja* do Senhor.” (carta 2)
- “Saúde também a *Igreja* do Senhor com o Salmo 133.” (carta 2)²⁹⁷

²⁹⁴ MARTON, F. *Ímpio: o evangelho de um ateu*. São Paulo: Leya, 2011. p. 12.

²⁹⁵ FACCIOLI, H. *As diferenças entre missa, culto e outras celebrações católicas*. G1, 2013.

²⁹⁶ KILDE, J. H. *Sacred Power, Sacred Space: An Introduction to Christian Architecture and Worship*, Oxford, EUA: Oxford University Press, 2008.

²⁹⁷ Entre os católicos, prefere-se um termo mais específico: *igreja, catedral, basílica, capela* etc.

Também há nas cartas o emprego da palavra *trabalho*, muito comum entre os evangélicos para se referir à atividade do pastor, à disseminação do evangelho:

- “Quanto ao *trabalho*, está animado” (carta 1)
- “o Senhor lhe dê vitória no seu *trabalho*” (carta 1)

Modernamente, a palavra mais usada com essa referência é *obra* (do lat. *opera*, “trabalhos”), mas não a detectamos em nenhuma das três cartas.

Além das expressões e palavras comentadas, localizamos nas três cartas a frequente alusão à Divindade, uma das características comportamentais do evangélico pentecostal, tais como:

- “para *Jesús* me preparar e não deixar eu pecar e nem desobedecer a sua santa palavra” (carta 1)
- “Não esqueça de quando estiver no Jardim da oração lembrar-me ao bom *Jesús*” (carta 1)
- “Aqui, pela misericórdia do *Senhor nosso Deus* ficamos em paz” (carta 2)
- “com a ajuda do *Senhor nosso Deus*, saude a todos de sua mui digna família (carta 2)
- “eu estou bem com saúde, mas sempre firme com o *Senhor*, porque sem ele nada podemos fazer” (carta 3)
- “que a paz do Senhor seja com todos vós” (carta 3)

Além disso, é como nas cartas de evangélicos pentecostais a recomendação de leitura de algum texto bíblico, como se verifica em:

- “Saudo a todos de casa com o *Salmo 91.*” (carta 1)
- “Medite *Salmo 84.*” (carta 2)
- “Saude também a Igreja do Senhor com o *Salmo 133.*” (carta 2)

Finalmente, os evangélicos pentecostais marcam sua identidade também nas despedidas de suas cartas:

- “Da irmã em Cristo” (carta 1)
- “O irmão em Cristo, amigo no Ministério, e filho na fé.” (carta 2)
- “que a paz do Senhor seja com todos vós, de tua irmã” (carta 3)

Esta primeira parte da análise serviu-nos para mostrar como o uso de certas expressões e palavras dêiticas presentes em missivas apontam para a construção social da identidade dos evangélicos pentecostais, a qual se configura na relação e confrontação identitária com outros grupos religiosos. Terminada esta parte, prossigamos para a próxima, em que nos ocuparemos sobre como determinadas formas de tratamento, enquanto elementos da dêixis social, sinalizam para

constituição da identidade dos pentecostais em cartas pessoais trocadas por membros deste segmento cristão.

2.3 Formas de tratamento

O uso das formas de tratamento (o que inclui os pronomes de segunda pessoa) tem sido um dos assuntos mais investigados por linguistas e estudiosos da cultura, “tanto em si mesmo, quanto como exemplo de uma gama mais ampla de distinções culturalmente determinadas em diferentes línguas”²⁹⁸. O assunto ganhou muito destaque desde a publicação do artigo de Brown e Gilman, em que se lança o que ficou conhecido como “Distinção T/V”²⁹⁹.

Tal distinção se refere ao fato de que, em muitas línguas de diversas culturas, existe uma forma de tratamento usada para pessoas socialmente inferiores por parte dos socialmente superiores. Brown e Gilman chamam a relação entre os interlocutores nesse tipo de interação de “relação de poder”, e a forma de tratamento empregada de *T*, por causa do emprego do pronome *tu* na língua latina após a divisão do Império Romano. Já o sujeito socialmente inferior trataria o socialmente superior por uma outra forma, chamada por Brown e Gilman de forma *V*, por causa do emprego do pronome *vos* na língua latina do mencionado período, quando os imperadores passaram a ser tratados na 2^o pess. do plural.

Além de a forma *T* ser usada do superior para o inferior, é também a forma de tratamento empregada entre pessoas íntimas, iguais em algum aspecto (mesma faixa etária, mesma profissão, mesmo grupo social etc.), em situações de informalidade. A forma *V*, por sua vez, é usada entre iguais numa situação de grande formalidade (como numa reunião da Assembleia Legislativa, em que os deputados se tratam mutuamente por “Vossa Excelência” quando estão discursando). A relação nesse tipo de interação é chamada por Brown e Gilman de “relação de solidariedade”³⁰⁰.

A distinção *T/V* é bem forte em muitas línguas europeias modernas, que têm dois pronomes para o tratamento ao interlocutor, como o francês (*tu/vous*), o italiano (*tu/Lei*), o espanhol (*tú/Usted*), o português lusitano (*tu/o senhor*), o alemão (*du/Sie*), o russo (*ty/vy*) etc. Nestes casos, a primeira forma é *T* e a segunda é *V*.

No português brasileiro, a forma *T*, a depender da região, pode ser *tu* ou *você*, e a forma *V* varia conforme as circunstâncias: *você*, *o(a) senhor(a)*, *o(a) amigo(a)*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência* etc.

Levinson considera as formas de tratamento elementos dotados de informação socialmente dêitica do tipo relacional.³⁰¹ Marmaridou, dando prosseguimento a esta ideia, argumenta que a dêixis social está intimamente relacionada com a dêixis de pessoa e que a dêixis de pessoa não pode ser estudada independentemente.³⁰²

²⁹⁸ LYONS, 2011, p. 234-5.

²⁹⁹ BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: GIGLIOLI, P. (ed.). *Language and Social Structures*. Harmondsworth: Penguin, 1972 [1960], p. 252-282.

³⁰⁰ BROWN; GILMAN, 1960.

³⁰¹ LEVINSON, 2007.

³⁰² MARMARIDOU, S. *Pragmatic Meaning and Cognition*. Philadelphia, EUA: John Benjamin Publishing Company, 2000.

As três cartas aqui analisadas em cotejo representam diferentes tipos de relação entre remetente e destinatário: a carta 1, escrita de uma mulher, que é uma fiel da igreja, para um homem, que é seu pastor, configura uma relação de poder, do inferior para o superior; a carta 2, escrita por um pastor que foi convertido ao protestantismo pelo destinatário, configuraria uma relação de poder (do inferior para o superior, em respeito à relação criada na conversão, na qual o próprio remetente, como vimos, se considera “filho” e considera o destinatário “pai” na fé), porém revestida de solidariedade, uma vez que ambos são pastores; e a carta 3, escrita por uma irmã de sangue, configura uma relação de solidariedade.

Tanto na carta 1, quanto na carta 2, o destinatário é tratado por *irmão*, que é a forma de tratamento mais comum entre os evangélicos: “Prezado irmão Zequinha” (carta 1).

Essa forma de tratamento é, assim como a saudação “(A) paz do Senhor”, é reservada aos evangélicos. Trata-se de um dêitico social absoluto, por ser empregado apenas por falantes autorizados. Sobre isso, Burdick (1998, p. 52-3) diz que, somente após o batismo “o convertido *terá permissão* para se dirigir a outros crentes com a saudação ‘Paz do Senhor’; somente agora ele poderá chamá-los de *irmão* ou *irmã*” (grifos no original).³⁰³

A Igreja Católica adotou os nomes de família para os membros do clero: *padre* (de *pater*, “pai”), *madre* (de *mater*, “mãe”), *frade* / *frei* (ambos de *frater*, “irmão”), *sóror* (de *soror*, “irmã”). Por volta do século XIII, *irmão* já era usado para designar o membro de uma mesma confraria.

Segundo Araújo, o tratamento por *irmão* foi o mais comum na amostra de 139 cartas de membros da Assembleia de Deus analisadas em sua pesquisa, configurando-se como a forma *V* característica dessa comunidade.³⁰⁴ O tratamento aparece nas cartas 1 e 2 de nossa amostra:

- “Prezado *irmão* Zequinha” (carta 1)
- “Estimado *irmão* Zequinha”, “Prezado *irmão*”, “*Irmão* Zequinha”, “estendo o meu convite ao prezado *irmão*” (carta 2)

Além de ser usado como forma *V* de tratamento ao interlocutor (função dêitica), *irmão* também é usado com referência a outros membros da igreja:

- “Fiquei triste em saber que a *irmã* Mariinha está doente” / “restabelecer a saúde de nossa querida *irmã*” / “Aqui tem um *irmão*, genro do *irmão* José Arlindo, com o dom da proficia” / “Peço

³⁰³ O substantivo *irmão* veio do adjetivo latino *germanus*, passando pela forma *ermano*, do século XIII (cf. CUNHA, 1982, p. 446): *germanu* (lat. vulgar) > *ermano* (port. séc. XIII) > *ymãão* (port. séc. XIII) > *irmão*. Etimologicamente relacionado a *germen*, “broto” (de planta), “descendência” (cf. REZENDE, Antonio Martínez e BIANCHET, Sandra B. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Crisálida, 2005), o adjetivo designava por metáfora os filhos do mesmo pai e da mesma mãe em relação uns aos outros, acompanhando o substantivo *frater*, “irmão”. Assim, *frater germanus* significava “irmão de pai e mãe”. Posteriormente, o adjetivo tomou o lugar do substantivo e seguiu na língua tendo seu significado ampliado.

³⁰⁴ ARAÚJO, 2019.

oração de todos *irmãos* por mim” / “Abraça *irmã* Mariinha e as meninas por mim” (carta 1)

Esse uso é considerado por Levinson quanto aos dêiticos sociais relacionais e classificado como honorífico de espectador, tomando-se o termo espectador como sendo a terceira pessoa, que não participa da interação.

Também irmão é usado nas cartas pelo remetente para se referir a si próprio e, assim, marcar seu pertencimento à comunidade de evangélicos:

- “Da *irmã* em Cristo” (na despedida da carta 1)
- “O *irmão* em Cristo” (na despedida da carta 2)

Curiosamente, *irmão* não é forma de tratamento entre os membros de uma mesma família de evangélicos, ou seja, entre os irmãos de sangue, como atesta Araújo em sua pesquisa com cartas de membros da Assembleia de Deus.³⁰⁵ Nas cartas das irmãs de sangue para o pastor José Alencar de Macedo (pastor Zequinha), quando a palavra *irmão* aparece, é empregada em seu sentido próprio (filho do mesmo pai ou da mesma mãe, ou de ambos). É assim na carta 3 de nossa amostra: “Meu querido *irmão*” / “de tua *irmã* a unica que ainda está viva” (carta 3).

Como dissemos, a relação entre remetente e destinatário nas cartas 1 e 2 é, nos termos de Brown e Gilman, uma relação de poder, na qual se espera o uso de uma forma *V* (de formalidade) no tratamento ao destinatário. Essa forma, conforme o exposto, foi (o) irmão, que aparece como vocativo (cartas 1 e 2) e como núcleo do complemento verbal (carta 2). Entretanto, em outras funções sintáticas, o tratamento ao destinatário se faz pelas formas pronominais dêiticas reservadas para o uso formal na modalidade padrão da língua, que são as formas de terceira pessoa do singular: *o*, *lhe*, *seu*. Os trechos abaixo confirmam essa afirmação:

- “encontrei *sua* missiva datada de 25 mês próximo passado [...] quando recebo uma cartinha *sua*, pois recebo mais conforto em seus conselhos [...] Aqui fico as *suas* ordens e sempre orando para que o Senhor *lhe* dê vitória no *seu* trabalho” (carta 1)
- “Antes de tudo rogo a Deus que esta *o* encontre desfrutando gloriosas bênçãos celestiais, ao lado de *sua* estimada família. [...] há alguns meses que desejava *lhe* escrever [...] E, como *o* tenho na qualidade de “meu pai na fé”, acho que não poderia deixar de enviar-*lhe* o meu convite [...] a fim de que nada possa impedir a *sua* vinda [...] se tiver a honra de abraçá-*lo* naquêlê dia [...] Muito teria que dizer-*lhe*, mas me reservo para fazê-*lo* com a *sua* presença [...] Na expectativa de *sua* pronta resposta” (carta 2)

Já entre os interlocutores da carta 3, tem-se uma relação de solidariedade, conforme Brown e Gilman, em que se espera o tratamento ao destinatário por uma forma *T*. No português brasileiro, essa forma pode ser *você* ou *tu*, dependendo da

³⁰⁵ ARAÚJO, 2019.

região. Sendo a remetente uma paraense, mesmo morando em São Paulo à época da carta, sua forma de tratar o interlocutor numa relação informal de solidariedade se faz pela segunda pessoa do singular canônica, ou seja, *tu*.³⁰⁶ Os trechos abaixo confirmam essa afirmação: “Zeca estou *te* escrevendo para *te* dar uma notícia” [...] também quero *te* dizer [...] meus filhos estão bons e *te* saúdam, como vae a Mariinha e os *teus* filhos” (carta 3).

Apesar do predomínio da segunda pessoa canônica, a remetente emprega uma única vez a forma *você*, que é de uso geral em São Paulo como forma *T*:³⁰⁷ “tenho escrito algumas cartas para *você* e não tenho tido resposta” (carta 3).

O tratamento respeitoso ou íntimo também se deixa transparecer nas formas verbais cujo sujeito é o destinatário: nas cartas 1 e 2, nas quais os remetentes mantêm com o pastor destinatário uma relação de formalidade, tais verbos aparecem na terceira pessoa do singular:

- “*Abrace* Mariinha e as meninas por mim. Não *esqueça* de quando *estiver* no Jardim da oração lembrar-me ao bom Jesús” (carta 1)
- “*Medite* Salmo 84. [...] estendo o convite ao prezado irmão, no sentido de não me faltar no culto [...] *Saude* a todos de sua mui digna família. *Saude* também a Igreja do Senhor com o Salmo 133” (carta 2)

Terminada a análise, passemos agora às considerações finais deste artigo.

Considerações Finais

A dêixis social, como ficou claro, é a codificação na língua dos papéis e relações sociais que os interlocutores desempenham criando identidade entre esses sujeitos. Essa codificação pode se dar, em algumas línguas, de forma mais gramatical, no sistema pronominal e no sistema de flexão verbal, por exemplo; em outras, de forma mais lexical, como com o uso de determinados honoríficos, termos e expressões que apontam para *status* ou uma identidade social do falante, do destinatário ou do referente, como é o caso do material que analisamos nesse estudo

Neste artigo, procuramos, mais particularmente, analisar esse tipo de dêixis na referência à identidade evangélica pentecostal em cartas escritas em três períodos diferentes do século XX. Tais documentos nos forneceram subsídios para a análise de como a dêixis social se dá dentro de uma prática linguística, constituída por um grupo que, na sociedade brasileira, representa uma parcela considerável da diversidade religiosa do país e que, de modo geral, procura diferenciar-se, inclusive em termos de linguagem, dos demais seguimentos religiosos cristãos.

Assim, as cartas analisadas, além de evidenciarem, pelo uso de palavras e expressões dêiticas nominais e da dêixis pronominal, o pertencimento identitário dos

³⁰⁶ COSTA, R. M. S. *A alternância das formas pronominais ‘tu’, ‘você’ e ‘o(a) senhor(a)’ na função de sujeito no português falado em Cametá (PA)*. 2016. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

³⁰⁷ SCHERRE, M. M. P. Uso dos pronomes ‘Você’ e ‘Tu’. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, p. 133-72, 2015.

sujeitos remetentes ao segmento social citado, dão pistas também de outros aspectos sociais que os envolvem no ato interativo da enunciação em que estão envolvidos, como o tempo (eram cartas com, no mínimo, 18 anos de diferença entre elas), a relação do sujeito remente com o sujeito destinatário da carta, o sexo e a idade dos interlocutores, o que poderá ser mais aprofundado noutro momento, porque agora não nos convém fazê-lo aqui pelo espaço exíguo desse artigo, para o que pode ser dedicado um outro estudo futuramente com os desdobramentos que nossa pesquisa pode ensejar.

Referências

- ALMEIDA, Abraão de. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.
- ARAÚJO, F. J. N. *Formas de tratamento no português brasileiro do século XX: conservação e variação em cartas do Norte e Nordeste*. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 5 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: GIGLIOLI, P. (ed.). *Language and Social Structures*. Harmondsworth: Penguin, 1972 [1960], p. 252-282.
- BURDICK, John. *Procurando Deus no Brasil: a igreja católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1998.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- COSTA, R. M. S. *A alternância das formas pronominais ‘tu’, ‘você’ e ‘o(a) senhor(a)’ na função de sujeito no português falado em Cametá (PA)*. 2016. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DICIONÁRIO ESSENCIAL LATIM/PORTUGUÊS, PORTUGUÊS/LATIM*. Porto: Porto, 2001.
- FACCIOLI, H. *As diferenças entre missa, culto e outras celebrações católicas*. G1, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/traduzindo/platb/2013/07/28/as-diferencas-entre-missa-culto-e-outras-celebracoes-catolicas/> Acesso em: 04 out. 2020.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009.

- FILLMORE, C. J. *Lectures on Deixis*. Stanford, EUA: CSLI Publications, 1997.
- FINA, Ana de. *Pronominal choice, identity and solidarity in political discourse*. In: Text, 1995, p. 379-410.
- FLORES, V. N. et al. FLORES, Valdir do Nascimento et al. (orgs). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GONÇALVES, Laryssa Érika Queiroz. *Quem vê capa não vê coração: um olhar bakhtiniano sobre a construção de sentidos da imagem dos evangélicos em capas da revista veja*. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em XX) – Universidade Estadual do Ceará, 2015. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=83952>> Acesso em: 9 set. 2020.
- KILDE, J. H. *Sacred Power, Sacred Space: An Introduction to Christian Architecture and Worship*, Oxford, EUA: Oxford University Press, 2008.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics and Social Deixis: Reclaiming the Notion of Conventional Implicature*. *Proceedings of the Fifth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 206-223, 1979. Disponível em: <http://elanguage.net/journals/bls/article/view/2169> (Anais da Reunião Anual da Sociedade Linguística Berkeley). Acesso em 25 jan. 2013.
- LIMA, Gustavo Henrique. *A Déixis Social e a Emergência de Identidades no Discurso Docente*. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- LUFT, Celso Pedro. *Novo manual de português*. São Paulo: Globo, 1995.
- LUFT, Celso Pedro. *O romance das palavras*. São Paulo: Ática, 1996.
- LYONS, John. *Lingua(gem) e Linguística*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- MANNING, H. Paul. On social deixis. In: *Anthropological Linguistics*. Vol. 43, No. 1 Indiana: Trustees of Indiana University, p. 54-100, 2001. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/30028583>.
- MARMARIDOU, S. *Pragmatic Meaning and Cognition*. Philadelphia, EUA: John Benjamin Publishing Company, 2000.
- MARTON, F. *Ímpio: o evangelho de um ateu*. São Paulo: Leya, 2011.
- MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método moderno de tupi antigo*. São Paulo: Global, 2005.
- REISIGL, M. e WODAK, R. *Discourse and discrimination: rhetorics of racism and antisemitism*. London, New York: Routledge, 2001.
- REZENDE, Antonio Martinez e BIANCHET, Sandra B. *Dicionário do latim essencial*. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.



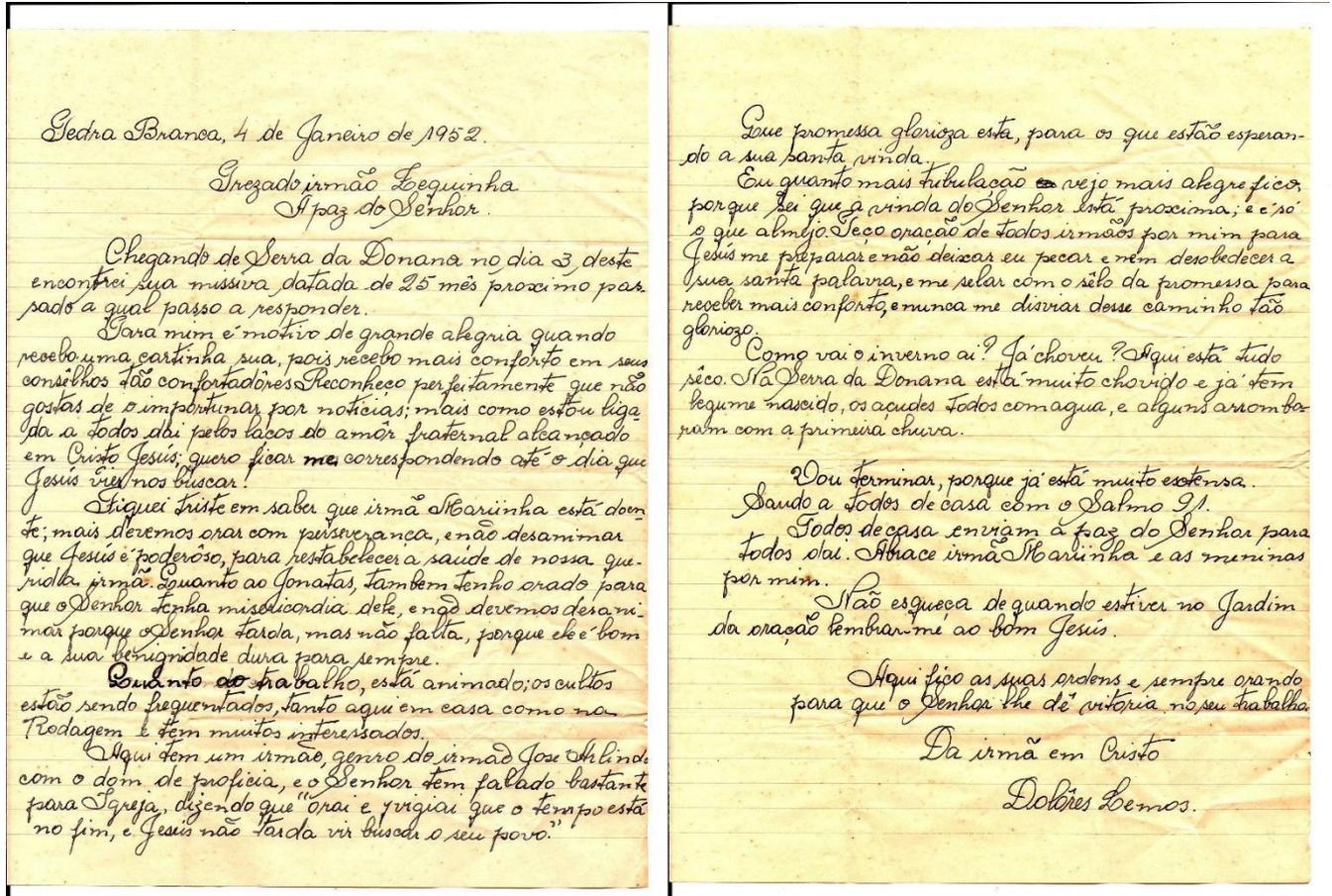
SCHERRE, M. M. P. Uso dos pronomes 'Você' e 'Tu'. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, p. 133-72, 2015.

VAZQUEZ, Ariel. The use of Tú and Usted in Mexican Compadrazgo Relationships. *Estro: Essex Student Research Online*, v. 1, n. 1, p. 58-68, [s.d.].

VERAS, Viviane. Identidade, repetição e temporalidade. In: *Políticas em Linguagem: Perspectivas Identitárias*. Kanavillil Rajagopalan, Dina Maria Martins Ferreira (orgs.). São Paulo: Editora Mackenzie, 2006.

WEOR, Samael Aun. *Glossário gnóstico*. Trad. Paulo Ricardo Saldanha. Porto Alegre: Gnose, 1985.

ANEXO 1



Carta da Sra. Dolores Lemos para o Pr. José Alencar de Macedo

ANEXO II

Cajazeiras-PB, 25 de março de 1.971.

Estimado irmão Zequinha, saudações no Senhor.

Medita Salmo 84.

Antes de tudo rogo a Deus que esta o encontre desfrutando gloriosas bênçãos celestiais, ao lado de sua estimada família. Aqui, pela misericórdia do Senhor nosso Deus ficamos em paz. A nossa família está com saúde.

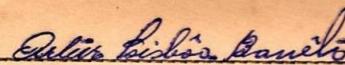
Prezado irmão, há alguns meses* que desejava lhe escrever, todavia, as oportunidades não me permitiam. Hoje, prazerosamente, posso dedicar algum tempo a êste desejo do meu coração.

Irmão Zequinha, estou idealizando oferecer ao Senhor um culto em ações de graças no próximo dia 1º (primeiro) de Maio, data em que, pela graça de Deus, completarei 50 anos* aliás, 40 anos de aceitação ao Evangelho, que é poder de Deus para a Salvação de todo aquêles que crer. E, como o tenho na qualidade * de "meu pai na fé", acho que não poderia deixar de enviar-lhe o * meu convite, a fim de que a minha alegria seja completa naquêles * dia. Assim, logo de agora, estendo o meu convite ao prezado irmão, no sentido de não me faltar no culto que iremos dedicar ao Senhor. Além dos meus 40 anos de fé, nesta mesma data, serão comemoradas * outras, como sejam: O 5º aniversário do nosso Programa radiofônico "MENSAGEM DA ESPERANÇA", sob a minha responsabilidade, e, ainda, o 7º aniversário de inauguração de um Templo, localizado no bairro * das Capoeiras, bem como o 3º aniversário do Círculo de Oração, no * mencionado bairro, e Congregação. Espero em Deus, e estou orando * nêsse sentido, a fim de que nada possa impedir a sua vinda, nenhuma doença e nenhum outro obstáculo. Confesso que a minha gratidão será completa, se tiver a honra de abraçá-lo naquêles dia, perante a Igreja do Senhor.

Muito teria que dizer-lhe, mas me reservo para fazê-lo com a sua presença que espero seja certa, com a ajuda do Senhor nosso Deus. Saúde a todos de sua mui digna família. Saúde também a Igreja do Senhor com o Salmo 133.

Na expectativa de sua pronta resposta, subcreve-se com elevada estima e consideração.

O irmão em Cristo, amigo no Ministério, e filho na fé.



Artur Lisboa Barreto.

Carta do Pr. Artur Lisboa Barreto ao Pr. José Alencar de Macedo

ANEXO III

S. Paulo 21 de Outubro de 1986

Meu querido irmão, Que a paz do Senhor Jesus Cristo seja com todos d'ai, Quea estou te escrevendo para te dar uma noticia, a Tracema passou para o Senhor, ontem foi o sepultamento, estou sentindo muito a separação, embora seja provisoria, ela foi em paz com o nosso salvador, graças a Deus, Também quero te dizer que tenho escrito algumas cartas para você e não tenho tido resposta, (o que está aiendo?) também quero te dizer que ganhei passagem para ir a Natal RN. ver os meus filhos que moram lá, e irei até Guixada para rever vocês, irei no fim do ano, aqui todos os meus filhos estão bons e te saudão, como vai a Mariinha e os seus filhos tudo vai bem? eu estou bem com saúde, mas sempre firme com o Senhor, porque sem ele ~~sem~~ nada podemos fazer, lembranças a todos ai que a paz do Senhor seja com todos ~~de~~ vós, de tua irmã a unica que ainda está viva.

Ernestina Macedo de Andrade
orem pela familia da Tracema.

Carta da Sra. Ernestina Macedo de Andrade para seu irmão, Pr. José Alencar de Macedo.